

# A neocracia: debates políticos nos fins do século XIX e a invenção da velhice no Brasil<sup>1</sup>

Alarcon Agra do Ó<sup>2</sup>

**Um Barão republicano**

Arthur Silveira da Motta (1844-1914), Almirante da esquadra do Império do Brasil, destacou-se em relação aos seus pares ainda na Guerra do Paraguai.<sup>3</sup> Considerada a sua postura em combate, bem como a sua eficiência nas missões militares e diplomáticas nas quais se envolvera, Silveira da Motta acabou por ser agraciado com o título de Barão de Jaceguay.

Acontece que o já Barão de Jaceguay, numa trajetória pouco a pouco tornada comum após os anos 1870 no Império do Brasil, aproximou-se de duas correntes, das tantas que compunham a cena dos embates políticos daquelas que seriam as últimas décadas do Império, e distanciou-se da gravitação em torno da casa de Bragança. Mesmo jamais abandonando a graciosa nomeação para o baronato, Silveira da Motta deslocou-se em relação à bússola política da Corte e mergulhou na luta pela transformação do país, assumindo ideias abolicionistas e republicanas.

Parecia-lhe desconfortável a manutenção no trono daquele corpo ambíguo que era o de Dom Pedro II – alguém

---

<sup>1</sup> Este texto consiste em versão reduzida do primeiro capítulo da tese de doutorado do autor, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, sob orientação do Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior e financiada com Bolsa Capes: AGRA DO Ó, Alarcon. *Velhices imaginadas*. Memória e Envelhecimento no Nordeste do Brasil (1935, 1937, 1945). Tese. Programa de Pós-Graduação em História. UFPE, 2008.

<sup>2</sup> O autor é Doutor em História pela UFPE, e atua como docente junto à Unidade Acadêmica de História e Geografia e ao Programa de Pós-Graduação em História da UFCG.

<sup>3</sup> JACEGUAY, Arthur. *Reminiscências da Guerra do Paraguai*. Brasil: Serviço de Documentação da Marinha, s.d.; MOTTA, Arthur Silveira da. *De aspirante a almirante*. Minha fê de ofício documentada. Brasil: Serviço de Documentação da Marinha, 1906.

que, envelhecido prematuramente, cercava-se ora de velhos senhores ora de moços bacharéis, conciliando o que já se mostrava então como as forças do passado e as promessas do futuro. A figura do velho Imperador, cada vez mais visível como uma imagem de doença e de decrepitude, ainda que o próprio Dom Pedro II buscasse se cercar de avanços científicos e tecnológicos, ressoava os compromissos da Corte para com a manutenção de uma ordem que parecia a muitos letrados dos fins do século XIX como algo a cada dia mais caduco. Se, em 1840, o monarca tivera sua maioridade antecipada, num envelhecimento forçado de si mesmo, agora, passados tantos anos, a velhice do seu corpo se confundia, aos olhos de muitos, com a velhice do estado de coisas que o Império representava.

Cumpria, era a crença de Silveira da Motta e de tantos outros, inaugurar um novo modo de governar o país. Para tanto, ao dever tradicional da obediência ao monarca deveria se contrapor – e sobrepôr – o amor à pátria, o culto às suas possibilidades de progresso, a moralização do governo. Em suma, devia-se viver o abandono de tudo quanto parecesse o passado, em nome da concretização do que parecia ser o prenúncio, quando não a realização precoce, do futuro.

Logo após os eventos de 1889, Silveira da Motta se lançou ao debate, através de vários textos publicados na imprensa do Rio de Janeiro, no afã de esclarecer aos seus compatriotas o que entendia ser a República. Sua meta parecia ser a de ajudar a construir o novo país com o qual sonhara, atuando como protagonista de relevo numa cena em que o conflito em torno de ideias era mais que simples figuração: era a construção de alternativas, de modos de dar sentido às experiências mais cotidianas; era, enfim, o exercício concreto do debate entre iguais numa cena pública desprovida de outras hierarquias que não as do mérito pessoal, tal como sonhado pelos republicanos mais idealistas.

Num dos seus textos, publicado no *Jornal do Commercio* de quinze de setembro de 1895, sob a forma de uma Carta endereçada aos leitores, o Barão de Jaceguay chamava a atenção de todos para “O Dever do Momento”.<sup>4</sup> Este “Dever”

<sup>4</sup> Cf. MOTTA, Arthur Silveira da. *De aspirante a almirante*.

seria a defesa dos ideais do novo regime na sua luta ainda intensa frente aos saudosos da Monarquia e aos que tentavam transformar a República em apenas um novo meio para o seu enriquecimento pouco lícito.

A carta de Jaceguay, de certa forma, condensava mais que as posições políticas do seu autor. Ora, defendendo a República, Silveira da Motta a igualava à própria pátria, num gesto em que as palavras e os silêncios eram igualmente densos de sentido. Eram apagadas as diferenças entre o regime e a sociedade organizada – e uma tipologia social era então orquestrada, com um forte acento discricionário.

Quem não se aliasse aos novos ventos soprados pelo republicanismo, dizia Silveira da Motta, era inimigo do Brasil, era alguém que traía a história, a atualidade e os sonhos dos brasileiros. O país era descrito por ele como um grande bloco, como uma entidade homogênea e monolítica, em cuja superfície se mostravam algumas ranhuras que deveriam ser limadas, algumas arestas que deveriam ser aparadas.

Mais que tudo, enfim, e é neste ponto que interessa chegar, Jaceguay distinguia os brasileiros entre duas grandes forças, antagônicas e desiguais: num lado estavam os amantes do atraso, os cultuadores de antiguidades esvaziadas de sentido pela história; no outro, estavam os arautos do progresso, os protagonistas do futuro já antecipado no presente, os homens como ele mesmo, Silveira da Motta, permanentemente envolvido com a experimentação de ideias novas ora na política ora no seu universo profissional da marinha.

Silveira da Motta atualizava, na sua intervenção política, uma tensão que a seu ver definia o embate público de sua época, e que ele pensava como sendo atravessada por imperativos inegociáveis. Cabia aos homens presos à Monarquia e aos seus vícios, de acordo com Jaceguay, a capitulação, vez que a história pertencia aos outros, indivíduos seduzidos pela potência das liberdades republicanas, pelos gestos de inovação e de redesenho do mundo trazidos à cena pelo avanço da técnica, pelo alargamento das margens da história. Em síntese, Silveira da Motta opunha um corpo social e político envelhecido a outro, moço, vigoroso, ágil, potente, capaz, lépido.

Ele não esperaria muito, porém, por uma réplica, que acabaria por vir de um antigo companheiro de algumas lutas, de um amigo que o teria em largo apreço por toda a vida, de alguém que não temeria pensar ao contrário daquelas ideias para afirmar outra narrativa – e, por conseguinte, outro diagnóstico e outra interpretação para o país.

### **Um Senhor cosmopolita**

Pouco tempo após a aparição da carta de Jaceguay foi publicado um pequeno volume em resposta às suas ideias.<sup>5</sup> O autor era Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910), pensador, político e diplomata pernambucano.

Joaquim Nabuco foi, sem dúvidas, um dos letrados mais influentes de sua geração, e sua biografia, por si só, oferece um instigante painel das relações entre cultura e política nos anos finais da Monarquia e nos anos iniciais da República. O que não impede, é bom lembrar, a emergência recente de leituras menos laudatórias e mais ponderadas de sua obra e mesmo de sua incorporação pela historiografia nacional.<sup>6</sup>

Filho de José Thomaz Nabuco de Araújo, importante político dos tempos do Império, desde cedo ele acompanhou as tensões envolvidas na cena pública. Sua “casa familiar”, diz Graça Aranha, “formara-se-lhe o ambiente da imaginação política” desde cedo.<sup>7</sup> Referindo-se à sua mocidade, o próprio Nabuco dizia que sentia cair sobre si “um reflexo do nome paterno”, e ele se elevava “nesse raio: era um começo de ambição política que se insinuava” e que jamais seria apagada.<sup>8</sup>

Em “Minha Formação”, texto composto entre 1893 e 1899,

<sup>5</sup> NABUCO, Joaquim. *O dever dos monarchistas*. Carta ao Almirante Jaceguay. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895; cf. a sua republicação em: \_\_\_\_\_. *A abolição e a república*. Organizado e Apresentado por Manuel Correia de Andrade. Recife, PE: Editora Universitária da UFPE, 1999, p. 75-92.

<sup>6</sup> Cf. AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. precisa de São Nabuco? . afro-asiát., Jun 2001, vol.23, no.1, p. 85-97.

<sup>7</sup> GRAÇA ARANHA, Introdução. In. \_\_\_\_\_. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco*. Correspondência. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, pp. 21-86, cit.p. 21.

<sup>8</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 18.

Nabuco chegou a afirmar:

Por onde quer (...) que eu andasse e quaisquer que fossem as influências de país, sociedade, arte, autores, exercidas sobre mim, eu fui sempre interiormente trabalhado por outra ação mais poderosa, que apesar, em certo sentido, de estranha, parecia operar sobre mim de dentro, do fundo hereditário, e por meio dos melhores impulsos do coração. Essa influência, sempre presente por mais longe que eu me achasse dela, domina e modifica todas as outras, que invariavelmente lhe ficam subordinadas. (...) Essa influência foi a que exerceu meu pai...<sup>9</sup>

Joaquim Nabuco diria, por toda a vida, ter ficado impressionado pelo compromisso sempre reiterado por seu pai entre posições que se assumiam quando da investidura de cargos na máquina do Estado e as crenças e valores que se portavam, subjetivamente, em relação ao país e ao seu povo.

O respeito pelo pai o fazia sensível à relevância, em cada presente, das lições dos protagonistas do passado, face à sua experiência e ao seu eventual rigor ético. A seu ver, deixar-se marcar pela inspiração dos mais antigos era algo que depunha a favor do “crescimento” e do “amadurecimento do espírito” do homem. Ele mesmo se ressentia de, na mocidade, não ter sido capaz de compreender a grandeza do pai, o que só lhe foi possível com a maturidade – ainda que registre que nunca, mesmo quando rapaz, deixou de admirar o velho Nabuco de Araújo.<sup>10</sup>

Na imagem de estadista que Joaquim Nabuco elaborou do velho Nabuco de Araújo, efetivamente, estava presente uma espécie de credo ético que ele perseguiria até a sua morte. Suas bases estavam tanto na busca incessante pela coerência entre princípios e ações quanto na crença em relação ao largo impacto dos gestos públicos dos *grandes homens*. Sendo assim, as suas próprias intervenções nos debates nacionais estariam sempre marcadas pelo desejo de fazer da palavra e da ação o território de concretização não apenas de valores tornados relevantes no calor de um debate, mas, muito além disso, pelo desejo de viver a sua verdade mais íntima em todos os instantes. Sua existência, nesse sentido, pautava-se pela

<sup>9</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 119.

<sup>10</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 119; 123.

urgência em demonstrar um governo de si que o autorizava para a prática do governo dos outros.

Esta verdade teria sido gestada antes, no corpo do próprio pai, e ele, Nabuco, apenas atualizaria aquele modelo ético no seu próprio tempo, infelizmente desprovido de outros como o velho Nabuco de Araújo. Não havia mais, no país que via encerrar-se o século XIX, diz Joaquim Nabuco, políticos que pudessem chamar a si a condição de “oráculo”, como tinha sido o caso daquele estadista tão consumado, e cabia tentar ocupar esse vazio, ainda que isso fosse possível apenas com a imitação e com a rememoração.<sup>11</sup>

Sua vida pública, construída sempre em torno daquela baliza ética, acabou por ser das mais intensas. Buscando corresponder aos seus próprios ideais, Nabuco não temeu desafios, e explorou desde cedo diversos campos da ação cultural e política de sua época, numa estética da existência, aliás, não de todo incomum entre os letrados filhos da elite de então. Ele se notabilizaria ao longo da vida, assim, pela carreira na advocacia, na militância política, na diplomacia, no abolicionismo e na cultura em geral, sendo, inclusive, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e fundador da Academia Brasileira de Letras. Na imprensa, sua carreira foi iniciada já aos dezessete anos e jamais seria interrompida.

Nabuco conviveu, ao longo da vida, com várias das personalidades de destaque na vida cultural e política do Brasil, mantendo com muitos deles não apenas relações de amizade duradouras, mas, também, farta correspondência. Além disso, conheceu diversos países, construindo suas interpretações do país em muito a partir da possibilidade do olhar quase externo que a prática das viagens lhe permitia. Tornava-se o que José Murilo de Carvalho nomearia de “aristocrata cosmopolita”.<sup>12</sup> Na frequência de outras culturas buscava conhecer o que supunha serem homens célebres e povos civilizados no mais alto grau, para aprender com sua experiência e com suas tradições.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 125.

<sup>12</sup> CARVALHO, José Murilo de. As duas repúblicas. In. GRAÇA ARANHA. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco*. Correspondência. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, pp. 09-18, cit. p. 11.

<sup>13</sup> CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Joaquim Nabuco e “Minha

Mesmo viajando tanto, Nabuco encontrou tempo para tornar-se autor de uma “obra volumosa, na qual se representam vários gêneros, desde a poesia e a crítica até a historiografia, a autobiografia e os escritos políticos”.<sup>14</sup> Além disso, ele deixou um conjunto notável de anotações privadas, recentemente publicadas – com as quais, aliás, sua filha, Carolina Nabuco, já havia se envolvido quando da escrita do seu “A vida de Joaquim Nabuco”, de 1928.<sup>15</sup>

### O olhar do velho monarquista

Ao deparar-se com o texto de Silveira da Motta transformado em página impressa no *Jornal do Commercio*, Joaquim Nabuco andava perto dos seus cinquenta anos, e, de acordo com os padrões da época, já se afastara em definitivo da mocidade. Aliás, portando os cabelos e os bigodes mesclados de incontáveis fios brancos, ele se dizia naquela ocasião um homem velho, como alguém que estava mais próximo ao ontem que ao hoje.<sup>16</sup> Nesta sua autoafirmação, ele se descrevia como sendo alguém já entrado em anos e, por conseguinte, definitivamente marcado pela saudade e pela nostalgia do passado, daquela época em que o mundo e o Brasil lhe pareciam mais semelhantes ao rosto mesmo do seu desejo e dos seus sonhos. Nabuco atualizava, naquelas suas descrições de si mesmo, a associação, cara à passagem do século XIX para o XX, no Brasil, entre velhice e “decadência física e perda de papéis sociais”.<sup>17</sup>

---

Formação”. In. MOTA, Lourenço Dantas. (org.) *Introdução ao Brasil*. Um banquete no trópico. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, vol. 2, 2001, p. 219-236, cit. p. 228. Cf., tb: ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. *Através do espelho: subjetividade em Minha formação*, de Joaquim Nabuco. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 19, n. 56, 2004.

<sup>14</sup> MOISÉS, Massaud. Nabuco de Araújo, Joaquim Aurélio Barreto. In. \_\_\_\_\_. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2001, p. 285-286, cit. p. 285.

<sup>15</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Joaquim Nabuco e “Um Estadista do Império”. In. MOTA, Lourenço Dantas. (org.) *Introdução ao Brasil*. Um banquete no trópico. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, vol. 1, 2001, p. 113-131.

<sup>16</sup> Cf. FERNANDES, Aníbal. *Estudos pernambucanos*. Recife, PE: Editora Massangana – Fundação Joaquim Nabuco, 1982. 2. ed. rev., p. 59.

<sup>17</sup> LOPES, Andrea. *Os desafios da gerontologia no Brasil*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2000, p. 23.

Tendo lido a carta pública do seu amigo e antigo parceiro nas lutas pela Abolição, Nabuco não se conteve. Assumiu, então, mais uma vez, a identidade pública de polemista apaixonado, e compôs um texto breve e denso, no qual destacava as incorrespondências entre o seu pensamento e as ideias defendidas por Silveira da Motta. Interessa destacar aqui a sua discussão quanto a um ponto dos mais relevantes da teia argumentativa de Jaceguay, qual seja, a sua defesa da valorização republicana da ação da mocidade, o que se demarcava no horizonte da cena pública brasileira como o espaço de silenciamento de quem passasse por velho.

Não satisfeito, naquela ocasião, em apenas pensar o país a partir de injunções colocadas em cena pela sua atualidade mais ampliada, Nabuco, no que me interessa explorar aqui, tornou-se a si próprio no estopim de sua reflexão. Seu corpo carnal foi o suporte para a instauração do seu corpo escrito, e este se voltava por sobre aquele, significando-o de forma bastante peculiar. Em jogo estava não apenas a imagem por ele tecida para o país, mas, em paralelo, a auto-imagem que ele estabelecia para a sua presença no mundo naquele momento singular de sua vida.

Crítica política e reflexão sobre a experiência subjetiva ali se embaralhavam, de sorte a que a sociedade e os indivíduos mostravam-se não como dimensões isoladas, mas como faces de uma mesma experiência histórica. Nabuco fabricava-se, naquela ocasião, como velho, para pensar os lugares da velhice no seu tempo – naquele tenso fim de século – e para pensar a si mesmo, como indivíduo, naquela mesma circunstância. O tempo social e o tempo subjetivo se interpenetravam, no estabelecimento de uma recusa à ideia de uma política desencarnada, distante da materialidade mesma da vida dos homens e mulheres de cada instante.

O estabelecimento de liames entre um olhar dirigido à sociedade e outro que se voltava para a experiência mais pessoal dos sujeitos era de todo modo um exercício que se legitimava com presteza naquele momento histórico, e que encontraria ainda algum eco, ainda que sob várias ressignificações, ao longo de boa parte do século XX. Traduzia-

se, assim, o desejo de superação das tensões e das ambiguidades de um instante que apenas antevia dúvidas quanto ao futuro:

Na última década do século XIX, o Brasil era uma república incerta, lidando ainda com a instabilidade política decorrente da ruptura com o antigo regime. Aos homens públicos daquela época coube, então, apostar no futuro ou, alternativamente, agarrar-se ao trajeto já feito e compreendê-lo como um tempo de realizações esgotado.<sup>18</sup>

Cabe ressaltar, entretanto, que, ao enfocar aquela face em especial do texto de Jaceguay, Nabuco não apenas procurava reinventar o seu próprio direito de exercer papéis na cena pública, como também colocava em dúvida a crença na maior eficiência do que é novo em relação ao que é tradicional. E, ao fazer isso, ele acabava por executar uma incursão certamente involuntária – mas bastante significativa – por um campo de tensões que, inaugurando-se no país justamente por aquele período, teria ainda uma longa duração no âmbito do pensamento e da ação sociais.

O que quero dizer é que, no seu texto, entre outras questões, Joaquim Nabuco acabou por reunir e problematizar uma série de enunciados que, ora dispersos, ora conjugados, compunham desde as décadas finais do século XIX, especialmente nas cada vez mais importantes cidades brasileiras, imagens acerca da velhice.<sup>19</sup> Aquelas ideias, produzidas a partir de lugares sociais os mais variados, da medicina ao direito, da psicologia à assistência social, estabeleciam como verdade a ideia de que em meio à modernização da sociedade brasileira, em curso desde meados do século XIX, a experiência da velhice estava sendo investida de sentidos novos e por vezes surpreendentes.

Cresceu e tomou forma, naquela circunstância, a compreensão de que as idades definiam o ser dos sujeitos. E,

<sup>18</sup> CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Joaquim Nabuco e “Minha Formação”, cit. p. 221.

<sup>19</sup>Cf. GROISMAN, Daniel. *A infância do asilo*. A institucionalização da velhice no Rio de Janeiro da virada do século. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social da UERJ, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1999.

naquele contexto, ao invés de se imaginar, como cria Nabuco, que o acúmulo de anos traria o aprofundamento da experiência, ou a sua consolidação, difundiu-se na passagem do século XIX para o XX a crença de que a vida dos homens podia ser dividida em etapas, a última das quais deveria ser associada à ideia de decadência. Aquela compreensão da vida dos indivíduos se espalhava por entre diversos olhares dedicados a pensar a vida social – e em ambos os movimentos afirmava-se a ideia de que o que fosse nomeado por velho deveria ceder o espaço ao que fosse identificado como o novo. Tal parecia ser a posição de Jaceguay, diria Nabuco – e ela precisava ser atacada.

Esta foi a grande diferença daquela época, o que parece ter sido de alguma forma percebido por Nabuco. Se cabe pensar que as divisões etárias são uma dimensão cultural da experiência das sociedades, ou seja, se na construção da ideia de idade cronológica está posta a afirmação da singularidade de cada circunstância histórica, não é menos certo que, ao redor da polêmica entre Nabuco e Jaceguay, pela primeira vez, no Brasil, a oposição entre juventude e velhice era encenada como o espaço de glorificação de alguns modos de ser, associados ao novo, e de deslegitimação de outros modos de ser, associados ao velho. E, mais que isso, aquele foi um movimento comprometido com a produção de narrativas acerca da vida em geral das pessoas, pelas quais o próprio país parecia encontrar outra explicação acerca de si próprio. A velhice e a juventude passavam por ser, no momento em que se abandonava o século XIX, mais que uma maneira de catalogar pessoas, e se tornava uma espécie de metáfora explicadora do mundo, da experiência histórica nacional.

Conforme apontado por Andrea Lopes, o que se dava, então, era a intensificação da visibilidade social em relação ao atributo da idade cronológica, e a transformação dessas novas verdades em metáforas utilizadas para pensar o país e seu povo.<sup>20</sup> Ao lado de outras marcações já habituais na política das identidades do país, como por exemplo, as que se referiam à cor, ao gênero ou mesmo à condição sócio-econômica, o fim do século XIX veria a emergência de uma difusa preocupação

<sup>20</sup> LOPES, Andrea. *Os desafios da gerontologia no Brasil*.

com as idades. Em diversas dimensões da vida social isso se mostraria como algo relevante. Atestam isso, por exemplo, os já abundantes estudos acerca da história da invenção, por aquele período, no país, da ideia de infância. Além disso, há os não menos frequentes trabalhos que apontam para a vinculação que os republicanos faziam entre sua fé política e a ideia de que naqueles anos o Brasil estava nascendo mais uma vez, fazendo-se criança no concerto das nações.

A interpretação de Lopes, a qual me parece razoável, dá conta de que aquele movimento pode ser atribuído à experimentação, no Brasil, de modalidades modernas de organização da experiência histórica – na medida em que é cara à modernidade ocidental a constituição de “classes de idades”, as quais permitem pela sua demarcação um maior controle biopolítico da população.<sup>21</sup> Difundia-se ali a crença na emergência, por aqueles dias, de novos regimes de vivência e de governo do corpo velho, em geral bastante comprometidos com a estigmatização dos sujeitos do envelhecimento, sendo tramado ali um *etarismo* que se aproxima bastante do racismo tematizado por Foucault quando dos seus estudos sobre a biopolítica.<sup>22</sup>

Com isso se quer dizer que, naquela circunstância, estava sendo tecida, pela primeira vez na história do Brasil, uma espécie de dispositivo de nomeação e de classificação dos sujeitos sociais – ou seja, organizava-se então um sistema de inclusões e de exclusões – o qual tinha por bases duas noções fundamentais. A primeira delas dava conta de que as idades poderiam ser acionadas como marcadores eficientes de diferenciação social, ainda que eventualmente se desse aí o acionamento de outras referências (ligadas à cor da pele, à condição sócio-econômica, à identidade sexual etc.). A segunda noção a que me refiro dava conta de que o acúmulo dos anos estava vinculado ao enfraquecimento do sujeito, à sua

<sup>21</sup> LOPES, Andrea. *Os desafios da gerontologia no Brasil*, p. 25. Também partilha do mesmo olhar um texto infelizmente pouco divulgado, mas fértil tanto pela sua análise específica quanto pela revisão bibliográfica nele contida: GROISMAN, Daniel. *A infância do asilo*.

<sup>22</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 304 e segs.

incapacidade de enfrentar adequadamente das tarefas correspondentes à vida cidadã, à vida produtiva.

A velhice, até aquela época, não passava de uma condição de alguns poucos sujeitos, tidos ora como pessoas já cansadas para o trabalho, ora como senhores de alguma experiência a ser transmitida – mas tudo isso se dando no âmbito da vida dos sujeitos, de sua existência mais individual. Não havia, até então, a preocupação com uma velhice que atingisse a sociedade de forma quantitativa e qualitativamente relevante. Isso mudou quando a velhice passou a ser pensada, e problematizada, como algo que dizia respeito à vida mesma das populações, e aos destinos não mais dos indivíduos, mas da sociedade em geral.

Na construção de sua interpretação sobre as novas faces da velhice, Joaquim Nabuco pôde contar com o que lhe oferecia a sua experiência de pensador da sociedade, de homem que se sentia velho, de monarquista em meio a uma República que se instalava não sem violência. Além disso, certamente, nas suas passagens pela Europa, ele há de ter entrado em contato, ainda que talvez apenas episodicamente, com os movimentos sistemáticos que, naquele continente, já desde meados do século XIX, contribuíam para a consolidação de uma imagem nova para a experiência da velhice. Emergia ali, com efeito, naquele lugar e naquela época, uma série de crenças e de práticas de saber e de poder acerca do envelhecimento humano, as quais se orientavam pela ideia de que na velhice estava a última fase da vida, e que sobre ela deveriam incidir controles e disciplinas específicas.

Como exemplos da materialização de tais *novidades* podem ser citados a internação de cerca de três mil idosos em La Salpêtrière, em Paris e a publicação, em 1881, de “Lições sobre o envelhecimento”, de Jean-Martin Charcot, célebre médico e professor daquele hospital. As “Lições”, fruto das aulas do seu autor, e “rico em observações clínicas e discussões a respeito do estilo de vida dos pacientes” idosos, ensaiavam a delimitação de um campo específico no âmbito da racionalidade médica, voltado para a velhice, constituindo-a então como fase terminal da vida. Seu eixo era a crença na ideia de que à velhice correspondiam a estagnação do desenvolvimento

humano e a experiência de uma involução pelo homem.<sup>23</sup> Era um ideário comum à ciência da época, o qual, difundindo-se por entre os círculos letrados, acabaria por impregnar por longo tempo os olhares ocidentais por sobre o envelhecimento.

Dava-se ali a emergência de uma nova racionalidade, ou seja, de uma nova lógica no ordenamento das experiências dos sujeitos sociais, quer isso se desse no âmbito mais restrito de sua corporalidade individual, quer isso tenha sido observado no contexto mais ampliado do corpo social do país.<sup>24</sup> Pensando a repercussão de tais tensões no caso específico do Brasil, há que se considerar que principalmente após 1870 o ordenamento dos sujeitos, entre nós, passou a se submeter aos ditames da medicina social típica da era burguesa, o que foi fundamental para a problematização da vida dos sujeitos sociais, e de sua experiência etária. Apenas a partir daquele momento, e graças às experimentações de medicalização da sociedade, é que as idades se transformaram em marcadores eficientes de diferenciação social.

O próprio Nabuco faria referência àqueles anos descrevendo-os como o instante em que se havia presenciado “um terremoto” que criara “um novo meio social” em relação ao qual se tornavam “necessárias outras qualidades de ação, outras faculdades de cálculo para lutas de diverso caráter”.<sup>25</sup> E, intervindo nos debates de então, ele denunciou, em meio a uma série de comentários ácidos quanto à situação presente da cena pública nacional, e a uma releitura crítica do cientificismo de então, o que a seu ver era uma face perversa

---

<sup>23</sup> Charcot, a partir do seu lugar proeminente no campo da neurologia, era, ainda em vida, mundialmente célebre. Além disso, ele privava de intimidade com Dom Pedro II, de quem era amigo e médico pessoal. Charcot o recebia em sua casa, sempre que o Imperador ia à França; após a deposição, a relação profissional e de amizade foi ainda mais estreitada, e o médico francês acabaria por ser o responsável até mesmo pelo atestado de óbito de Dom Pedro II. A sua escola e alguns dos seus pupilos são responsáveis, segundo a historiografia, por importantes avanços na neurologia no Brasil. Cf. TEIVE, Hélio A. Ghizoni et al. Charcot e o Brasil. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v. 59, n. 2A, 2001.

<sup>24</sup> LUZ, Madel T. *Natural, racional, social*. Razão médica e racionalidade científica moderna. 2. ed. rev. São Paulo: Hucitec, 2004.

<sup>25</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 13-14.

da experiência histórica brasileira dos fins do século XIX: a desnaturalização e o aviltamento da velhice, provocados pela emergência de uma mocidade que se julgava onipotente. Parecia-lhe importante observar tais fenômenos, e, ainda mais, pensar sobre eles, visto que a predominância dos jovens por sobre os velhos se articulava com o crescente e “ilimitado individualismo” que, assumindo grandes proporções, ameaçava a coesão social – na medida em que “se torna em verdadeira irresponsabilidade”, sendo “acompanhado da falta de toda e qualquer reação social”.<sup>26</sup>

Os homens maduros, é o que via Nabuco acontecendo ao seu redor, se submetiam demasiadamente aos jovens, numa organização das relações sociais que, exclusivamente brasileira, não trazia em si mesma nenhuma vantagem civilizatória para o país:

Nós somos a única sociedade existente no mundo a que se possa dar o nome de *neocracia*, em todos os sentidos: não só no de sermos governados de preferência pelas novas ideias, mas especialmente no de sermos governados pelas novas gerações, em oposição ao governo dos mais antigos que se encontra no começo de todas as civilizações quase. Já antes dos quarenta anos, o Brasileiro começa a inclinar a sua opinião diante das dos jovens de quinze a vinte e cinco. A abdicação dos pais nos filhos, da idade madura na adolescência, é um fenômeno exclusivamente nosso.<sup>27</sup>

Assim, dizia Nabuco, invertia-se uma ordem ancestral, os jovens desejando impor-se aos mais velhos. Aquela submissão, que se dava no campo mais geral da opinião e chegava ao ponto preciso e impactante da ocupação de cargos de relevo na máquina pública, parecia consolidar uma tendência já insinuada desde meados do século XIX, mas acentuada ao seu final de forma excessiva, na opinião daquele agudo intérprete do país.

O que antes parecia apenas uma série heterogênea de arroubos praticados por jovens, apressados em aparecer na cena pública como agentes culturais ou políticos respeitáveis, e que era controlável em maior ou menor grau, estava se

<sup>26</sup> NABUCO, Joaquim. *O dever dos monarchistas*, cit. p. 17-18.

<sup>27</sup> NABUCO, Joaquim. *O dever dos monarchistas*, cit. p. 18.

tornando quase uma regra geral a organizar as relações sociais. Na visão de Nabuco, os jovens revoltados dos meados do século XIX eram exaltados na sua vontade de afirmar outras possibilidades para a construção da experiência subjetiva, mas eram reticentes quanto ao atijamento de tensões sociais. No passado, era o que cria Nabuco, mesmo em momentos nos quais jovens ocupavam a primeira cena do espaço público, não raro eles acabavam, mais cedo ou mais tarde, por ceder à lucidez e à temperança de alguém mais experiente. Ou, por outro lado, os líderes jovens do passado, quando não morriam no início de sua vida pública, como dera de ocorrer, por exemplo, com vários heróis românticos, logo amadureciam e mitigavam seu afã de revolver as entranhas da história. Mesmo os mais exaltados dos tempos das Regências, dizia ele, ajustaram-se à lógica de que a idade que avança traz consigo a serenidade; eles, tendo entrado na política a partir da ideia de revolução,

(...) foram com a madureza dos anos restringindo as suas aspirações, aproveitando a experiência, estreitando-se no círculo de pequenas ambições e no desejo de simples aperfeiçoamento relativo, que constitui o espírito conservador.<sup>28</sup>

Ele mesmo, em uma carta de 1865 a Machado de Assis, havia assumido o papel de jovem ousado, mas cioso de que caminhava em direção a uma maturidade e a uma seriedade desejadas, as quais apenas a idade mais avançada tornava possíveis, e que a força divina haveria de proporcionar:

(...) de uma certa idade em diante pretendo me não aplicar à poesia; nesta idade em que minha inteligência ainda não pode discutir sobre o positivo e o exato, deixo que a pena corra sobre o papel, e que minha acanhada imaginação se expanda nas linhas, que ela compõe; mas, quando as minhas faculdades concentradas pelo estudo e pela meditação se puderem aplicar ao positivo, e ao exato, deixarei de queimar incenso às musas do Parnaso, para me ir alistar na fileira dos mais medíocres apóstolos do positivismo, e das ciências exatas; é um protesto para cujo cumprimento peço a Deus força de vontade e firmeza de resolução. Entendo, meu caro poeta, que desde uma certa idade a nossa imaginação perde

<sup>28</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 17.

o seu vigor; as utopias e as fantasias, que alimentam a imaginação dos poetas, cessam desde que ele penetra numa vida cujas vicissitudes lhe demonstram o absurdo dos seus cálculos; e cujos caprichos e contrariedades são a perfeita antítese dos sonhos dourados de sua fantasia e dos prazeres, e das vigílias felizes, que em seus cálculos de utopista e de poeta ele um dia concebeu.<sup>29</sup>

Para o jovem Nabuco de 1865, portanto, fantasia e juventude se aproximavam, enquanto a ação prática e a maturidade, para não dizer a velhice, eram quase uma e a mesma coisa. Os moços podiam se dedicar ao intelecto mais descolado do mundo real, já que era quase o seu dever biológico; aos homens mais vividos, ao contrário, cabia afastar-se dos sonhos para calcular na dura e necessária tábua da sobrevivência e da gestão de si e do coletivo. A um moço, portanto, deveria caber o gozo de sua atualidade fugaz e leve, mas de sorte a que tudo preparasse seu corpo para aquela maturidade necessária a ele e ao país. Tendo sido elogiado por Machado de Assis, que o tomara por poeta, Nabuco reage: sim, fazia versos, mas isso era apenas uma fase da sua vida, vez que ele se preparava para assumir outras máscaras identitárias, quando de direito, e em breve:

É por isso que por ora dou asas à minha imaginação; mas um dia virá, e este dia talvez esteja perto, no qual me desligue completamente desse mundo de visionários, para ir tomar parte no grêmio daqueles que, mais chegados às realidades da vida, consideram este mundo como ele realmente é.<sup>30</sup>

No fim do século isto seria alterado, e a força da mocidade se dirigiria contra instituições, contra aspectos caros à ordem vigente – principalmente eles se batendo contra o direito dos mais velhos em gerir a sociedade.<sup>31</sup> E isto, ao menos para Joaquim Nabuco, era no mínimo desagradável e, no máximo, perigoso. Afinal, a balança parecia pender para a juventude de forma intensa e veloz: a cada dia os homens maduros viam

<sup>29</sup> GRAÇA ARANHA. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco*. Correspondência, p. 90.

<sup>30</sup> GRAÇA ARANHA. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco*. Correspondência, p. 90.

<sup>31</sup> GRAÇA ARANHA, Introdução, p. 22.

desaparecer sua influência, seu mando, sua respeitabilidade. O próprio Machado de Assis, em carta a Nabuco de vinte e nove de maio de 1882, assumia esta crença, dizendo que seu correspondente seria senhor do presente e do futuro, porque tinha “a mocidade” como atributo característico, o que o tornava diferente dos velhos já inúteis ao mundo de então, entre os quais, ele mesmo, Machado de Assis, sentia-se inserido.<sup>32</sup>

Tais posições pareciam a Nabuco algo danoso ao extremo, na medida em que a inteligência nacional corria o risco de, negligenciando o já vivido e recusando o valor da maturação das ideias, querer sempre acreditar que havia descoberto algo invisível aos olhos dos outros, especialmente dos mais velhos. Ele via naquela época a manifestação de uma “prematividade abortiva em todo campo da inteligência”<sup>33</sup> – o que se chocava com a própria trajetória que Joaquim Nabuco havia traçado para si, homem, como se viu acima, impressionado por toda a vida pela figura paterna e pela aura de respeitabilidade que emanava dos corpos marcados pelo acúmulo dos anos vividos.<sup>34</sup>

Para entender a versão de Nabuco para a cena social do país, ao seu redor naquele 1895, haveria que se considerar, ainda, uma questão levantada de forma lateral por Graça Aranha. Nos anos que se sucederam imediatamente à Abolição e, ainda mais acentuadamente após a República, Joaquim Nabuco sentiu-se deslocado em relação à história do seu país. Tendo se preparado longa e intensamente para lutar pelo fim do cativo, a Lei Áurea o atingiu quando ele tinha cerca de quarenta anos. Nada mais lhe parecia sedutor na política desde então, e 1889 apenas viria sepultar de vez suas pretensões de ocupar a primeira cena da vida pública.<sup>35</sup>

Aliás, o próprio Nabuco é quem aponta algo nessa direção:

Até 1878 foi propriamente o período da minha formação política; o que se segue, de 1879 a 1889, é o do papel que me

<sup>32</sup> GRAÇA ARANHA. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco*. Correspondência, p. 94.

<sup>33</sup> NABUCO, Joaquim. *O dever dos monarchistas*, p. 19.

<sup>34</sup> Cf. CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Joaquim Nabuco e “Minha Formação”, p. 224.

<sup>35</sup> GRAÇA ARANHA. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco*. Correspondência, p. 33-34.

tocou representar: o final – já agora devo esperar todo ele assim – será o do amortecimento do interesse político e de sua substituição por outros, talvez ainda mais irreais e quiméricos, porém, que de algum modo quadram melhor com o crepúsculo da vida, quando o espírito começa a ouvir ao longe o toque de recolher.<sup>36</sup>

Ao seu lado, entretanto, passavam a brilhar novos atores sociais, alguns dos quais amparados mais na pouca idade do que em qualquer outro mérito. Os velhos senhores que acabaram por criar a República, muitos oriundos até mesmo dos círculos mais próximos ao Trono, cercaram-se de uma mocidade que estetizava de forma bastante peculiar o novo regime. Aos velhos que não se conectavam com aquela mocidade febril, como era o caso de Nabuco, parecia só restar o espaço da lembrança, do culto ao realizado antes. Ele, como tantos outros, sentia ser a queda do Império algo paralelo e concomitante ao fim de sua carreira.<sup>37</sup>

No fim de um século que havia sido marcado pelo indiscutível culto ao passado, à história, aos grandes vultos e eventos, o presente se entronizara no horizonte do desejo social – ou, pelo menos, assim parecia o mundo aos olhos temerosos de Nabuco. A experiência social traía a si mesma, afirmando uma verdade no instante atual que apenas poderia ser atribuído ao que houve antes, no tempo das glórias reais da nação. Para ele, que dizia isso como um lamento, a vida seria vivida, naquela época, como se os feitos de ontem fossem colocados, sempre, sob a sombra dos feitos de hoje, como se a experiência dos mais velhos devesse ser silenciada. O hoje explicava o ontem, e não o oposto, como todos estavam acostumados. Parecia até mesmo ser inadequado aparentar a idade que avançava, visto que cada dia vivido era tomado como a afirmação da crise da potência, da impossibilidade da ação, e não por outra razão abundavam os meios de se rejuvenescer a aparência.

Ser o portador de uma “ética cavalheiresca”, o que Nabuco entendia ser o seu rosto público, confrontava-se com o

<sup>36</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 129.

<sup>37</sup> GRAÇA ARANHA, Introdução, p. 33-34. A relação entre a República e seu ostracismo está posta, por exemplo, em: NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 186.

arrivismo da época, tornando-o um ácido crítico do presente.<sup>38</sup> Assim, não sem ironia, Nabuco fazia referência a essa tendência de supervalorização da juventude e de desvalorização da maturidade nomeando-a, como se viu acima, de *neocracia*. A seu ver, viveria o país sob o governo dos jovens, que ascendiam apenas porque eram... jovens. Antes, quando a ordem patriarcal era indiscutível, o mando estava associado à maturidade, à propriedade, à tradição; agora, lamenta Nabuco, bastava o sujeito sentir-se no gozo de sua juventude para almejar os postos mais elevados, as distinções mais relevantes.

Na construção dessa neocracia operava-se o desmanche de um estado de coisas que podemos antever como um contrateixo em relação às palavras de Nabuco. A predominância dos jovens, que tanto o incomodava, era enfim a manifestação mais visível de um enfraquecimento dos homens velhos. Os jovens ocupavam lugares que eram até então ocupados pelos senhores de idade avançada, e que desde os fins do século XIX pareciam a Nabuco cada vez mais afastados da primeira cena da vida social, política e cultural brasileira.

Vivia-se uma situação em meio à qual certos indivíduos pareciam estar mortos quando estavam, apenas, sendo empurrados impiedosamente para as margens da vida social e cultural, seu ostracismo sendo devido à sua velhice, ora cronológica, ora comportamental. Quando, enfim, o corpo material falhava e o indivíduo morria *verdadeiramente*, a sua lacuna parecia já antiga, aumentando a tristeza dos seus amigos, a sensação de desamparo que atingia a seus contemporâneos – como fora o caso dos anos finais e enfim do passamento de Gusmão Lobo, ativista político e jornalista brilhante que silenciou no fim da vida, morrendo quase na sombra.<sup>39</sup>

Numa carta a Machado de Assis, datada de seis de dezembro de 1899, Joaquim Nabuco atualizaria aquela discussão. Tendo ido a uma missa celebrada em memória de

---

<sup>38</sup> GRAÇA ARANHA, Introdução, p. 34.

<sup>39</sup> GRAÇA ARANHA, Introdução, p. 57.

Dom Pedro II, dela Nabuco voltou com a certeza de que velhice e política não se tocavam mais, para seu desagrado. A velhice lhe parecia ter se retirado apenas para as celebrações, para o espaço da memória, para a saudade de uma ação naquele momento já impossível.

Hoje fui a outra missa, a do imperador, onde havia muito pouca gente, como é natural cá e lá, mas muito cabelo branco. Ora, como as correntes políticas são formadas pelos que têm de 20 a 30 anos, não pode haver nada mais inofensivo do que um culto que só reúne os destroços de uma época que passou, como são os cabelos brancos.<sup>40</sup>

Viver era para os velhos de então um peso, apenas aliviado pelas brisas da memória. Quanto a isso, Machado de Assis, em 1899, diz que, na idade em que estava, pelos sessenta anos, “cada ano” valia “por três”; em 1902, ele dirá, ainda, que só lhe resta reviver o que ficou nas memórias, que a ação na atualidade era impossível: “o passado é ainda a melhor parte do presente”. Mais à frente, em 1903, será a vez de ele afirmar que agradecia as lembranças que lhes enviava Nabuco da Europa, porque aquele gesto, o de “mandar lembranças a um velho é consolá-lo dos tempos que não querem ficar também.”<sup>41</sup>

Restava, pois, aos velhos, recolher-se ao silêncio e à memória, acreditando no patriotismo das novas gerações, ainda que isso fosse algo a ser posto permanentemente em dúvida. A pouca fé de Nabuco nisso talvez possa ser atestada pelo fato de que, na sua correspondência com Machado de Assis, farta em digressões sobre os *novos* lugares que se construíam para a velhice na passagem do século XIX para o XX, em apenas um momento algum otimismo é ensaiado, ainda que entremeado com a melancolia habitual:

<sup>40</sup> GRAÇA ARANHA. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco*. Correspondência, p. 101.

<sup>41</sup> GRAÇA ARANHA. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco*. Correspondência, p. 99; 111; 119. O último livro de Machado de Assis é uma espécie de meditação sobre a velhice, esta sendo definida pelo abandono, pela incapacidade e pela entrega dos seus personagens ao único gesto possível: a memória banhada de melancolia. Cf. MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memorial de Aires*. São Paulo: Martin Claret, 2003 – e GUIDIN, Márcia Lígia. *Armário de vidro*. Velhice em Machado de Assis. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

Nós não valem mais nada, não contamos para a morfologia nacional, toda nova geração faz sempre *da se*, nós influímos no nosso tempo, preenchemos nossa função, o que devemos pedir é alegria, contentamento, para assistir à obra dos outros, sem perder a simpatia pelo nosso país, qualquer que aquela seja.<sup>42</sup>

É oportuno observar ainda que, ainda que sua formulação tivesse algo de irônico, conforme apontei acima, a neocracia não se mostrava, na visão de Joaquim Nabuco, apenas como uma dimensão superficial ou anedótica da vida brasileira. Escrevendo numa época em que o *caráter* do brasileiro e o seu *destino* pareciam as preocupações mais urgentes e necessárias para boa parte da intelectualidade, dos políticos e dos literatos nacionais, Nabuco via na neocracia um impedimento para o nosso sucesso como povo. Graças a ela, na opinião daquele letrado, o Brasil se subordinava aos ritmos da improvisação, da indisciplina, da precipitação, os quais eram, em sua opinião, coisas típicas da mocidade e opostas por definição ao sucesso do país e de seu povo.

A sociedade brasileira, diz Nabuco, abolira a lentidão em nome de uma pressa desmedida. Já não se sabia mais nem porque tamanha ânsia de superação do novo pelo mais novo ainda, mas a tendência perdurava, com grandes perdas para a cultura e para a vida pública do país. Perdíamos o vigor, algo só resultante da concentração, da paciência, da sedimentação ao longo do tempo de experiências e de conquistas paulatinas:

(...) o talento nacional, que é incontestável, pronto, brilhante e imaginoso, está condenado a produzir obras sem fundo, e, portanto, também sem forma, porque o belo na literatura, como nas artes, não é outra coisa senão a força. Será difícil a um estudante nosso de mérito servir-se a primeira vez do microscópio sem logo descobrir um novo organismo que os sábios estejam procurando em vão, há anos, nos diversos laboratórios da Europa. A pressa é uma incapacidade para a ciência, como para a arte.<sup>43</sup>

Tentando parafrasear Nabuco, assim Graça Aranha se remete às ideias daquele pensador, em tais circunstâncias:

<sup>42</sup> GRAÇA ARANHA. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco*. Correspondência, p. 102.

<sup>43</sup> NABUCO, Joaquim. *O dever dos monarchistas*, p. 19.

Com efeito os tempos estavam revolidos no Brasil. A abolição da escravatura foi o fato social mais preponderante para a transformação do Brasil em duas épocas diversas e antagônicas. (...) Joaquim Nabuco foi um dos titãs da destruição do antigo regime feudal. O resultado, porém, foi mais extenso e mais profundo e tumultuário do que ele imaginara. Quando mais tarde contempla a transformação social que decorreu da sua ação dinâmica, sente-se ele próprio em desequilíbrio com o novo Brasil. Todos os instintos mais primitivos, todas as aspirações mais grosseiras, desencadeiam-se sobre a face da terra brasileira. Ao passo que se vão apagando, evaporando as tradições, surge por toda parte o “homem novo”. (...) Diante do invasor, os espíritos delicados, como o de Joaquim Nabuco, retraem-se e refugiam-se no pensamento, e pelos trabalhos da inteligência e da fé realizam trabalhos de perfeição interior.<sup>44</sup>

Encerrando sua análise com uma tirada que mesclava ironia e certa acidez, Nabuco dava um exemplo, no seu movimento de crítica à neocracia. Segundo ele, seria até mesmo um risco que brasileiros, tontos pelo seu amor desmedido à juventude, ocupassem cargos importantes em instituições tradicionais. Acerca disso ele mencionava o colégio dos cardeais da Igreja Católica, que seria colocado de cabeça para baixo por um religioso brasileiro, ávido por novidades, cego e surdo às tradições. Um brasileiro, príncipe da Igreja, diz Nabuco, não guardaria os segredos dos conclaves, e, se eleito papa, reformaria a Igreja num ritmo que assustaria até mesmo o Espírito Santo.<sup>45</sup>

O leitor imagine o que Nabuco temia que ocorresse no Brasil, que expulsara o encanecido D. Pedro II e buscava ainda novos líderes na nascente e conturbada República. Ele nos dá pistas:

Nenhum terreno pode ser mais próprio do que esse para a cultura da anarquia.<sup>46</sup>

### **A sùmula dos medos**

Intelectual que havia se notabilizado, na juventude, pelo ardor com que defendia suas causas e princípios, Joaquim

<sup>44</sup> GRAÇA ARANHA, Introdução, p. 50-51.

<sup>45</sup> NABUCO, Joaquim. *O dever dos monarchistas*, p. 20.

<sup>46</sup> NABUCO, Joaquim. *O dever dos monarchistas*, p. 20.

Nabuco se tornara com a idade um pensador e articulador político ao mesmo tempo dinâmico e sereno. Não abria mão de apontar para dimensões a seu ver dignas de superação da experiência histórica brasileira, mas, em meio a esta crítica, sustava a ousadia das propostas no limite da mudança radical. Como diz Marco Aurélio Nogueira, “mesmo em seus discursos mais radicais, Nabuco jamais deixará de ser realista e pragmático”<sup>47</sup>.

Com relação à experiência etária, cabe lembrar que a sua própria trajetória acabou por cristalizar um movimento dotado de grande tensão, na medida em que sua mocidade foi vivida como um combate ao que parecia então próprio da velhice, e sua velhice foi vivida como um combate ao que parecia então próprio da mocidade. O acúmulo dos anos, talvez, tenha sido vivido por Nabuco como uma transformação de si que o tornava mais sensível e mais temeroso em relação à aceleração do tempo e da experiência, algo tão celebrado por alguns dos seus contemporâneos.

Nabuco encetava, daquela forma, uma nova relação entre seu corpo individual e o corpo social – populacional – no qual estava sendo inserido pela história. Em outras palavras, ele inventava, com os meios e os modos que lhes eram possíveis considerando a espessura própria de sua historicidade singular, uma forma de ser velho, num instante em que emergiam controles diversos voltados para a experiência crescentemente visível do envelhecimento humano. O corpo e a população se reorganizavam, naquele fim de século, a partir da construção histórica de novas políticas etárias; nosso polemista se enfronhava em tais debates e produzia para si e para a sociedade um modelo de conduta que se opunha à glorificação acrítica da juventude em nome da consideração de que os velhos ainda tinham algo a dizer.

Ao executar o movimento de crítica à força da juventude que via como quase incontrolável nos fins do século XIX, é prudente observar, ele não atuava como um observador neutro;

<sup>47</sup> NOGUEIRA, Marco Aurélio. Joaquim Nabuco e “O abolicionismo”. In. MOTA, Lourenço Dantas. (org.) *Introdução ao Brasil*. Um banquete no trópico. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, vol. 2, 2001, p. 167-190, cit. p. 183.

ao contrário, o meu leitor terá percebido isso sem esforço, Nabuco, jamais esquecido de sua própria trajetória, emprestava sentidos precisos à juventude e à velhice, e as enquadrava historicamente. A seu ver, as idades dos homens não pareciam enfim apenas atributos naturais, visto que sua experiência cederia às influências do instante e da história. Nisso ele tomava distância da naturalização que, ao seu lado, parecia espriar-se por entre as formulações do pensamento e da ação sociais quanto às idades – Nabuco conseguindo isso na medida em que denunciava, a seu modo, a dimensão humana, demasiado humana das políticas e dos jogos etários.

Fazer ver a historicidade de algo implicava, para Nabuco, na abertura de uma frente de luta. Por isso, a seu ver, caberia aos homens de bem, de mando e de letras, intermediar o conflito entre as gerações, ponderando que o ímpeto dos moços precisava ser temperado com a prudência dos mais velhos, para que o resultado fosse o bem coletivo e não a balbúrdia, o seu maior temor. Era o que se daria, por exemplo, na sua relação com Graça Aranha, que, apesar de portar “um espírito que está em contato com o novo espírito, com as gerações novas”, não descuidava de beber na fonte da prudência e da sabedoria dele mesmo, Nabuco, homem maduro e cioso de não estar mais na juventude.<sup>48</sup>

A visão que ele acalentava quanto às possibilidades de convivência entre as gerações era a de uma partilha negociada dos espaços comuns, uma frequentação que tenderia para a amizade e para a ascendência natural dos mais experientes frente aos mais moços. O ambiente da “Revista Brasileira”, fundada na sua terceira fase, em 1895, por José Veríssimo, era um dos últimos redutos daquela concórdia que o tempo presente ia esgarçando e impossibilitando. Não por acaso ela duraria apenas até 1889, ainda que algo do seu espírito se prolongasse na Academia Brasileira de Letras (“oriunda de um pacto entre espíritos amigos”).<sup>49</sup> Seu ideal, no que apontava para a comunhão entre moços e velhos sob os auspícios destes

---

<sup>48</sup> GRAÇA ARANHA. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco*. Correspondência, p. 101.

<sup>49</sup> GRAÇA ARANHA, Introdução, p. 35; 37.

últimos, parecia ser vivido ao avesso naquele fim de século, e Nabuco não sem razões se horrorizava quanto a tais desvios sociais.<sup>50</sup>

Tratava-se em suma de garantir a civilidade mediante a sobrevalorização dos exemplos dos mais velhos – o contrário do que Nabuco via, com sofrimento, ser a tônica da vida social, política e cultural ao seu redor naquele ano angustiante de 1895.<sup>51</sup> Nabuco talvez estivesse experimentando certo anacronismo, ao insistir na busca por uma cena pública construída a partir dos valores – que ele tinha por *tradicionais* – de polidez, de civilidade e de boa convivência entre trajetórias por vezes distintas. A política *moderna*, à qual o Brasil daquele fim de século parecia aspirar, era avessa a tais temas, a tais horizontes, voltando-se mais para certo pragmatismo e para certa urgência na conquista dos fins desejados. Não havia tempo a perder, principalmente com a consulta a quem parecia cidadão apenas do passado. Sabedor do desencontro entre suas crenças e o mundo ao seu redor, Nabuco apostava, entretanto, no poder da palavra na construção de olhares outros, de possibilidades outras, de problematização de fronteiras e que, sabe, na construção histórica de mundos outros.

Ao construir aquela singular explicação da história do Brasil – e, mais, de sua situação *presente* –, Nabuco dava forma, no seu estilo, e em função de suas preocupações políticas próprias, a uma tensão que de várias formas marcava o debate público brasileiro dos fins do século XIX e que atravessaria o século XX. Ele apontava, ao seu modo, para a crescente preocupação, por um lado, com os significados que podiam ser atribuídos às idades dos sujeitos sociais e, por outro lado, com a emergência da velhice como problema social.

A neocracia, enfim, era uma palavra que lhe servia como possibilidade de interpretação para um modo novo de relação dos sujeitos para consigo – e para com outrem – a partir das idades, o que parecia inédito, principalmente porque as partições etárias estavam sendo pensadas, desde ali, como fenômenos de alcance ampliado no âmbito da população, e

<sup>50</sup> CARVALHO, José Murilo de. As duas repúblicas, p. 16-17.

<sup>51</sup> CARVALHO, José Murilo de. As duas repúblicas, p. 17-18.

porque, naquela nova configuração das relações sociais, os ventos pareciam soprar a favor dos mais jovens, o que contrariava as tradições, os costumes, o esperado.

Joaquim Nabuco, enfim, chama a atenção para a urgência em se pensar a velhice, sua história, seu destino. Ele faz pensar, assim, acerca de deslocamentos havidos na passagem do século XIX para o XX na gestão dos corpos, naquilo que era vivido neles e por eles como uma experiência etária e, mais acentuadamente, como o envelhecimento. Ele fala do choque entre modos antigos e novos do governo de si e do outro, bem como da convivência entre eles, transformando-se, certamente de forma involuntária, no enunciador de novas heterotopias, de novas sensibilidades em relação ao lugar dos corpos no mundo, desde ali, como nunca antes, distribuídos em função de sua idade.<sup>52</sup> Histórias tensas, sedutoras, enfim, se insinuam por entre suas palavras – ainda mais quando se imagina que o debate ali aberto atravessaria o século seguinte, organizando novas geografias identitárias, novas formas de pertencimento aos espaços da dinâmica social.

---

<sup>52</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In. \_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos III*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 411-422.

## **A neocracia: debates políticos nos fins do século XIX e a invenção da velhice no Brasil**

Alarcon Agra do Ó

**Resumo:** No Brasil, enquanto a República se consolidava, vários debates se orquestraram na cena pública; ali se discutia a relação entre projetos para o país e destinos possíveis para o seu povo. Joaquim Nabuco, influente protagonista daquelas histórias, contribuiu para aquele quadro ao propor uma leitura inédita da história brasileira da passagem do século XIX para o XX. De acordo com a sua versão, estava se dando por aquela época uma reconfiguração da experiência social e política brasileira, a partir de uma crise da velhice e de uma valorização excessiva da juventude. Neste artigo, a intervenção de Nabuco é tomada como um dos movimentos relevantes da história da invenção histórica das formas modernas da velhice no Brasil.

**Palavras-Chave:** Velhice; Modernidade; Política

**Abstract :** During the period in which the Republic was being consolidated in Brazil, several public debates happened. In this context, the relationship between projects regarding the country and possible decisions involving the people were discussed. Joaquim Nabuco, an important character at that historical moment, contributed to the situation, proposing a seminal reading of the Brazilian history from the transition from the XIX to the XX century. According to Nabuco's version, a reconfiguration of the Brazilian political and social experience was happening at that moment, starting with a crisis concerning getting old and the excessive valorization of youth. In this paper, Nabuco's intervention is considered as one of the relevant movements of the history of the intervention of the modern forms of growing old in Brazil.

**Keywords:** Old Age; Modernity; Politics

Artigo recebido para publicação em 18/02/2009

Artigo aprovado para publicação em 06/08/2009